

# Glicínia Quartin

ACTRIZ

1924 - 2006

COMISSÃO  
MUNICIPAL  
DE TOPONÍMIA

ABRIL 2012



Câmara Municipal  
Lisboa



Evocar e perpetuar a memória de Glicínia Quartin, através da atribuição do seu nome a uma rua da cidade, são um gosto e uma honra para a Câmara Municipal de Lisboa.

A que associo a minha própria homenagem como seu antigo aluno.

Glicínia Quartin, actriz de excepção, é uma personalidade de referência no panorama do teatro e da Cultura em Portugal, permanecendo no imaginário de várias gerações muitas das suas notáveis interpretações em teatro, cinema e televisão.

Sendo a toponímia um meio privilegiado de preservação da memória colectiva da cidade, constitui, em si mesma, uma homenagem e a expressão do reconhecimento da Câmara Municipal de Lisboa e dos municípios a Glicínia Quartin pelo seu talento e versatilidade artísticas, pela sua qualidade e dedicação ao ensino de teatro, e, bem sim, pelo exemplo para todos nós do seu extraordinário sentido de independência, de inconformismo e de liberdade.

Combater a erosão do esquecimento e tornar viva a memória de personalidades de relevância maior são imperativos éticos e de cidadania, porquanto a memória e a consciência colectivas são factores essenciais da identidade e do fortalecimento da comunidade.

A atribuição deste novo topónimo testemunha publicamente a admiração do Município por Glicínia Quartin e simboliza o enriquecimento do património memorial da cidade de Lisboa.

O Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

*António Costa*





EIXO NORTE-SUL

**Glicínia Vieira Quartin**, figura de referência do teatro e cinema portugueses, nasceu na Vila Sousa no bairro da Graça, em 19 de dezembro de 1924 e foi a terceira filha do jornalista António Pinto Quartin<sup>1</sup> e de Deolinda Lopes Vieira, professora de português.

Em 1954, licenciou-se em Ciências Biológicas, na Faculdade de Ciências de Lisboa e, embora tenha iniciado a sua atividade profissional como Bióloga – foi investigadora do Instituto de Biologia Marítima, bolseira do Instituto de Alta Cultura no Institute of Marine Research de Bergen (Noruega), no Greenland Fishery Investigations em Copenhaga (Dinamarca, 1957) e no Fisheries Laboratory em Lowestoft (Inglaterra,

1959) – o teatro surgiu também na sua vida estreando-se, em 1951, no Teatro Experimental da Rua da Fé, numa peça escrita e encenada por Tomás Ribas, intitulada **Roberto e Melisandra**. Sobre esta peça, numa longa conversa com Jorge Silva Melo, publicada na Revista Artistas Unidos<sup>2</sup>, a intérprete referiu que “era uma história de amores contrariados, mas era como se fossemos uns fantoches. Era engraçadinho. Foi um grande sucesso na altura. Depois lá continuei, fiz O Velho Ciumento do Cervantes – as pessoas muito agradadas e eu desconfiadíssima, a achar que aquilo não me tinha custado nada. E até houve um elogio de que eu não me esqueço, veio do Costa Ferreira, que disse: Vejam só, esta rapariga é estreante e já sabe mexer-se

<sup>1</sup> Pinto Quartin, jornalista (1887-1970). Foi homenageado na Toponímia de Lisboa, através do edital de 29-01-1979.

<sup>2</sup> Revista semestral / Abril 2005 nº13, pag. 13



Glicínia na Vila Sousa (1934)



Foto de Ernesto de Sousa



Em Roma com Mário Ruivo e Neruda  
(1962)

em palco, que é uma coisa tão difícil”.  
É nesta década de 50 com o advento de vários grupos de teatro experimental que Glicínia começa a destacar-se nos palcos e a receber da crítica da época grandes elogios. Com o Teatro Experimental de Lisboa, dirigido por Pedro Bom interpretou, entre outras as peças televisivas, em 1952, *Guerras de Alecrim e Manjerona*, *Auto da Alma* de Gil Vicente, *Frei Luís de Sousa*, *A Menina Tonta*, *Fidalgo Aprendiz* e *O Burguês Fidalgo*; em 1959, *As Duas Barcas* e, em 1960, *Nas Covas de Salamanca*, direção de Artur Ramos.

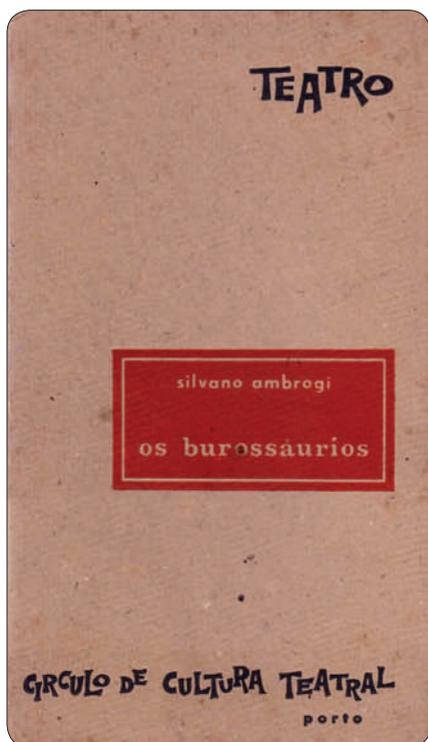
A sua estreia no cinema foi em 1962, no filme *Dom Roberto*, de Ernesto de Sousa, onde contracenou, entre outros, com Raul Solnado, Costa Ferreira, Rui Mendes, Adelaide João, Fernanda Alves<sup>1</sup> e Nicolau

<sup>1</sup> *Fernanda Alves (1930-2000). Foi homenageada na Toponímia de Lisboa, através do edital de 19-04-2004, na freguesia da Ameixoeira.*

Breyner, que a levaria decisivamente a dedicar-se às artes de palco. Conforme Glicínia mencionou na já referida conversa: “Foi ao ver-me no Dom Roberto que me convenci de que era capaz de ser actriz. Aquela mulher era eu e não era eu. Até essa altura, isto de representar era assim um prazer pessoal, mas não se pode dizer que eu estivesse muito convencida”. E acrescentou “quando fui viver para Itália, já ia com a intenção de ser actriz profissional. Tinha lá ido passar umas férias com um amigo, o Mário Ruivo, meu colega em Ciências e que trabalhava na FAO em Roma (...) Conheci muita gente, intelectuais, escritores, jornalistas, gente ligada ao teatro (...). Fui direitinha à Accademia Silvio d’Amico, que é o Conservatório, para me inscrever como aluna (...) não fui aceite na Accademia



*Com Raul Solnado – Dom Roberto (1962)*



porque não sabia italiano, é claro. Fui depois para uma escola, o Teatro Studio dirigida por um senhor chamado Alessandro Fersen, que se anunciava como seguindo o Método de Stanislavski. Agora até há um prémio Fersen em Itália, para novas peças. Era no Trastevere (...) A mim eles não me ligavam muito e eu lá ia andando. Até que um dia o Pressburger diz: Agora vão estudar o monólogo da Irma Lambert na Louca de Chaillot do Giraudoux para apresentar na próxima semana. Fui para casa e lá meti aquilo na cabeça em italiano. E no dia da apresentação, as meninas foram todas apresentando o monólogo, e eu fui a última. Olha, foi um êxito. Eu nem sei o que é que fiz para ter resultado daquela maneira. Passei a ser bem tratada, todos os dias me pediam que eu fizesse a Irma, chamavam-me para eu explicar (...) é um

monólogo muito bonito, uma mulher a dias que tem a sua vida arrumada, com marido e tudo e lá vai dizendo aquilo que pensa, que sonha, é um texto sobre o amor. Quem fez na companhia da Luzia foi a Graça Lobo (...) O Fersen ficou encantado, só dizia fantástico, e o Pressburger estava sempre a dizer-me: não voltes para o teu país, eles não te vão perceber, não percebem a delicadeza nem a poesia... E a escola abriu-se para mim”, e que frequentou durante dois anos.

Já em Lisboa, frequentou ainda o Curso de Preparação de Actores de Adolfo Gutkin, na Fundação Calouste Gulbenkian (1969/70), teve aulas práticas com os professores Reeves e Hans Schmidt; fez o Curso de Monitores de Educação pela Arte no Conservatório Nacional (1972) e o estágio New Music In Action, na Universidade de York (1976).



*Os Burossáurios, com  
Eduarda Marina (1965)*

*Foto de Teófilo Rego*



Ele, Ela e os Complexos, com Adelaide João, Jorge de Sousa Costa e Maria Laurent (1965)



Mesas Separadas, com Joaquim Rosa (1965).  
Fotos de Luís Mendes

A sua carreira profissional iniciar-se-ia três anos mais tarde, em 1965, no Teatro Experimental do Porto onde participou na peça *Os Burossáurios*, com encenação de João Guedes e nos *O Auto da Índia*, *O Auto da Feira* e *A Barca do Inferno*, de Gil Vicente, encenação de Carlos Avilez.

Trabalhou regularmente como atriz, passando pelo TEL – Teatro Estúdio de Lisboa<sup>1</sup>, TEC – Teatro Experimental de Cascais, Teatro D. Maria II, Os Bonecreiros, Teatro da Cornucópia, Teatro Popular – Companhia Nacional I e Centro Cultural Bernardo Santareno. Nas palavras de Glicínia: “Não estive muito tempo no Porto, estive seis meses, depois vim para o Teatro da Luzia Maria Martins (...) Vim para Lisboa sem saber se tinha trabalho e, estava ela a começar a

<sup>1</sup> Luzia Maria Martins e Helena Félix tornaram-se empresárias ao organizar uma companhia para o Teatro Vasco Santana, que ambas “constróem” por adaptação de um espaço na Feira Popular até então utilizado como estúdio da RTP – Rádio Televisão Portuguesa e foi assim que em 1964, fundaram o Teatro Estúdio de Lisboa (TEL), que será a primeira companhia de teatro independente de Lisboa. O TEL revelou em Portugal muitos dos mais importantes dramaturgos portugueses e estrangeiros, mas teve vários problemas com a censura. Foram por exemplo os casos, do espetáculo “Joana da Lorena”, de Maxwell Anderson, estreado em 1964 e de “Bocage, Alma Sem Mundo”, um original da própria Luzia Maria Martins, apresentado em 1967 e que se manteve em cartaz durante oito meses, uma proeza sem precedentes para o Teatro de Autor. Ambas estão consagradas na Toponímia de Lisboa, através dos editais de 26-06-2001, na freguesia de S. Domingos de Benfica, e de 18-05-1992, na freguesia de Campo Grande.

ensaiar outra peça, *Ele, Ela e os Complexos* de Jean-Bernard Luc, uma comediuzinha. Precisava de mais uma rapariga, lá fui eu. Só agora reparo que fiz muitas vezes essas comédias, alta-comédia. Fiz essa com a Luzia, no Nacional fiz um papel pequenino nas *Três Perfeitas Casadas do Casona*, no Villaret uma comédia inglesa, *Sexta-Feira às Quatro e um Quarto...* quem dirigiu essa foi o Armando Cortez<sup>1</sup>. (...) Entrei na Luzia e aí o ambiente já era diferente. Era com o Joaquim Rosa, com o Jorge Sousa Costa, o Carlos Duarte, a Helena Félix, era eu, era a Júlia Babo e a Adelaide João também. A seguir veio as *Mesas Separadas* do Terence Rattigan, outra comédia dessas sofisticadas. E aí tive o papel que gostava de fazer, era o da Wendy Hiller (...)”.



*Auto da Índia, com António Montez (1965)*  
Foto de Teófilo Rego



<sup>1</sup> Armando Cortez (1928-2002). Foi homenageado na *Toponímia de Lisboa, através do edital de 20-11-2003, na freguesia de Campolide*.



*A Maluquinha de Arroios com Santos  
Manuel e Ruy de Matos (1966)*

*Foto de J. Marques*

No TEC entrou para fazer *A Casa de Bernarda Alba*, de Lorca, com outras atrizes como Mirita Casimiro, Maria do Céu Guerra, Luísa Neto e Fernanda Coimbra, mas o seu triunfo pessoal foi em *A Maluquinha de Arroios* (1966), de André Brun<sup>1</sup>, que esteve em cena cerca de um ano, com tournée de norte a sul do país e duas vezes em Lisboa, nos teatros Tivoli e Monumental.

Fundadora das companhias Os Bonecreiros e do Teatro da Cornucópia foi aqui que, em julho de 2004, regressou para a sua última representação, em *A Família Schroffenstein*, uma peça de Kleist, encenada por Luís Miguel Cintra. O primeiro espetáculo no Teatro da Cornucópia foi *Misanthropo* (1973), de Molière, sobre o qual Glicínia conta

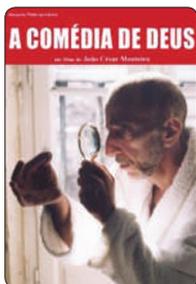
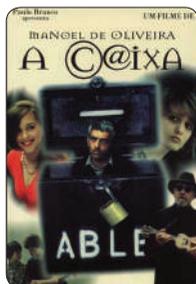
<sup>1</sup> André Brun (1881-1926). Foi homenageado na Toponímia de Lisboa, através do edital de 12-03-1932, na freguesia de Sto Condestável.

que “foi dos espectáculos mais lindos da Cornucópia. Veio cedo demais, teria sido um enorme êxito uns anitos depois. O cenário, do Luís Miguel, muito simples, muito pobre, era extraordinário. Na altura não foi muito bem recebido pela crítica, claro. Porque era novo (...) Eram actores novos, o Filipe La Féria, a Raquel Maria, o Orlando Costa, o Jorge, poderia haver desequilíbrios mas havia uma leveza que era rara (...)”.

Passou também pelo Teatro Nacional D. Maria II, destaque para *Celestina* (1970), direção de Luca de Tena; pelo Teatro Aberto, então dirigido por Fernanda Lapa, onde fez a peça *Casamento Branco*, de Rozewicz. Entrou em *Saudades* (1977) e *Ninguém* (a partir de Frei Luís de Sousa) de Ricardo Pais, ou *Electra*,



*Misantropo*, com Luis Miguel Cintra (1973)  
Foto de Paulo Cintra



dirigido por Filipe La Féria, “seu amigo, confidente e colega desde os tempos de Carlos Avilez”, como referiu.

Fora dos palcos, filmes como *A Caixa* (1994), de Manoel de Oliveira, e *A Comédia de Deus*, de João César Monteiro<sup>1</sup> ou *Sinais de Fogo* de Luis Filipe Rocha (1995), são alguns dos filmes em que participou.

Glicínia Quartin não só se repartiu entre o teatro, cinema e televisão, mas também foi, durante dez anos, professora da Escola Superior de Educação pela Arte do Conservatório Nacional, fez parte do corpo docente da Escola Superior de Teatro do Conservatório Nacional e, no campo da pedagogia, colaborou em várias ações, seminários e programas do Ministério da Educação para professores do ensino primário sobre Drama

<sup>1</sup> João César Monteiro (1939-2003). Foi homenageado na Toponímia de Lisboa, através do edital de 01-08-2005, na freguesia de Marvila.

Educativo e Movimento e Drama. Ao longo do seu percurso artístico, Glicínia foi agraciada com vários prémios dos quais se destacam o Prémio Revelação da Casa da Imprensa (1966), Prémio Nacional Lucinda Simões (1968), Prémio da Crítica (1972), pela participação em *As Criadas*, de Jean Genet, uma das suas interpretações mais recordadas, ao lado de Eunice Muñoz e Lurdes Norberto.

Por ocasião do 80º aniversário da atriz, foi exibido na RTP um documentário-entrevista *Conversas com Glicínia* da responsabilidade de Jorge Silva Melo que, num texto que acompanhou a exibição, afirmou: “é de liberdade que nos fala a sua carreira e a sua arte, nunca fixa a esquemas convencionais, nunca seguindo receitas estabelecidas, sempre discretamente



*As Criadas*, com Eunice Muñoz e Lourdes Norberto (1971)

Foto de J. Marques



*Glicínia com Jorge Sampaio, em  
Dezembro de 2004, na estreia  
de **Conversas com Glicínia***

*Foto de Jorge Gonçalves*

aventureira, sempre surpreendida, sempre fiel aos princípios de resistente em que foi formada”, e o então Presidente da República, Jorge Sampaio, distinguiu-a com a Grã-Cruz da Ordem do Infante D. Henrique, em reconhecimento pelo “seu talento e do muito que fez pelo teatro português”.

A sua morte ocorrida em 27 de abril de 2006 é a perda da mulher e da atriz que o Presidente da República, Aníbal Cavaco Silva descreveu como “atriz de excepção e uma personalidade ímpar da cultura portuguesa”.

Para Jorge Silva Melo, Glicínia “será sempre, para mim, para nós todos, um exemplo de liberdade e independência. Tinha um respeito infinito pelos amigos e um carinho especial pelos novos actores.

Quando fizemos o documentário [resultado de dezenas de horas de conversa], disse-me a rir que eu sabia mais sobre a sua vida do que ela própria. E talvez tivesse razão”. Em 19 de dezembro de 2010, Glicínia foi ainda homenageada a título póstumo, com a colocação de uma placa no nº 107 do prédio onde viveu, na Rua Saraiva de Carvalho, no bairro de Campo de Ourique, onde se reuniram de entre outros colegas e amigos, os encenadores Luis Miguel Cintra, Carlos Avilez e Filipe La Féria, que a este respeito disse: “Das centenas de pessoas com que eu já trabalhei no teatro, talvez seja das mais importantes. Era amigo e confidente dela. Fiz muitas peças, ri e aprendi muito com ela” e acrescentou: “era uma actriz de excepção e uma das mais coerentes do século XX do teatro português”.

E a Câmara Municipal de Lisboa presta também a sua homenagem à versátil e talentosa atriz Glicínia Quartin, que no seu trabalho, tanto no teatro como no cinema ou televisão, criou uma enorme galeria de personagens, que com alma interpretou durante mais de cinco décadas, ao atribuir o seu nome a uma avenida de Lisboa, na Freguesia da Ameixoeira. Pelo mesmo edital de 16-09-2009 foram ainda perpetuados em ruas do Vale da Ameixoeira mais dois nomes ligados ao teatro, o do encenador Artur Ramos e do poeta e compositor Frederico de Brito, que muito trabalhou para o teatro de revista.



## CRONOLOGIA DE GLICÍNIA QUARTIN

**1951**

*Roberto e Melisandra*, texto e encenação, Tomás Ribas  
*O Julgamento de Marsyas*, encenação Claude-Henri Frèches  
*L'Aiglon*, de Edmond Rostand, enc. Claude-Henri Frèches  
*Crime e Castigo* de Rodney Ackland, enc. Amélia Rey Colaço e Robles

**1953**

*Quem tem farelos?* de Gil Vicente, enc. Tomás Ribas  
*Auto de S. Martinho* de Gil Vicente, enc. Tomás Ribas  
*O Velho Ciumento* de Cervantes, enc. Tomás Ribas  
*Lágrimas de Nossa Senhora* de Da Todi, enc. Tomás Ribas

**1954**

*O Dia Seguinte* de Luís Francisco Rebelo, enc. Paulo Renato

**1957**

*A Farsa de Inês Pereira* de Gil Vicente, enc. Jacinto Ramos

**1958**

*Se Amanhã Fosse Hoje* de Carlos Avilez, enc. Carlos Avilez

### NO TEATRO TELEVISIVO (COM O TEATRO EXPERIMENTAL DE LISBOA)

**1952**

*Guerras de Alecrim e Manjerona* de António José da Silva, direcção Pedro Bom  
*Auto da Alma* de Gil Vicente, dir. Pedro Bom  
*Frei Luís de Sousa* de Almeida Garrett, dir. Nuno Fradique e Pedro Bom  
*A Menina Tonta* de Lope de Vega, dir. Pedro Bom  
*Fidalgo Aprendiz* de Francisco Manuel de Melo, dir. Pedro Bom  
*O Burguês Fidalgo* de Molière, dir. Pedro Bom

**1959**

*As Duas Barcas* de D. João da Câmara, dir. Pedro Bom

**1960**

*Nas Covas de Salamanca* de Cervantes, dir. Artur Ramos

### NO TEATRO EXPERIMENTAL DO PORTO

**1965**

*Os Burossáurios* de Silvano Ambrogi (tradução de Glicínia Quartin), enc. João Guedes  
*O Auto da Índia* de Gil Vicente, enc. Carlos Avilez  
*O Auto da Feira* de Gil Vicente, enc. Carlos Avilez  
*A Barca do Inferno* de Gil Vicente, enc. Carlos Avilez

### NO TEATRO ESTÚDIO DE LISBOA

**1965**

*Ele, Ela e os Complexos* de Jean Bernard Luc, encenação Luzia Maria Martins  
*Mesas Separadas* de Terence Rattigan, enc. Luzia Maria Martins

### NO TEATRO EXPERIMENTAL DE CASCAIS

**1966**

*Casa de Bernarda Alba* de Garcia Lorca, enc. Carlos Avilez  
*O Mar* de Miguel Torga, enc. Carlos Avilez  
*A Maluquinha de Arroios* de André Brun, enc. Carlos Avilez

## NO TEATRO NACIONAL D. MARIA II

1957

*O Pescador à Linha* de Jaime Salazar Sampaio, enc. Artur Ramos

1967

*Equilíbrio Instável* de Edward Albee, enc. Amélia Rey Colaço

1968

*As Três Perfeitas Casadas* de Alejandro Casona,  
enc. Cayetano Luca de Tena

*O Camarada Miussov* de Valentin Kataiev, enc. Pedro Lemos

1969

*Os Visigodos* de Jaime Salazar Sampaio, enc. Artur Ramos

*Esfera Facetada* de Nuno Moniz Pereira, enc. Rogério Paulo

*O Pecado de João Agonia* de Bernardo Santareno, enc. Rogério Paulo

1970

*A Celestina* de Fernando Rojas, enc. Cayetano Luca de Tena

## NO GRUPO DE ACÇÃO TEATRAL

1970

*O Processo de Kafka* de Gide-Barrault, enc. Artur Ramos

1971

*Sexta-feira às Quatro e Um Quarto* de Willis Hall e Keith Waterhouse, enc. Armando Cortês

*A Capital de Eça* de Queirós, enc. Artur Ramos

## NA CASA DA COMÉDIA

1968

*Dias Felizes* de Samuel Beckett, enc. Artur Ramos

1977

*Saudades*, texto e enc. Ricardo Pais

1980

*Electra* de Marguerite Yourcenar, enc. Filipe La Féria

1985

*Savannah Bay* de Marguerite Duras, enc. Filipe La Féria

1990

*Teatro, Doce Teatro* de Edward Radzinsky, enc. Fernando Heitor

## N'OS CÓMICOS / TEATRO DA TRINDADE

1978

*Ninguém* (a partir de *Frei Luís de Sousa*), de Almeida Garrett, enc. Ricardo Pais e Nuno Carinhas

## N'OS BONECREIROS

1971

*O Circo Imaginário do Super Basílio* de Beatrice Tanaka, enc. João Mota

*A Grande Cegada*, encenação colectiva

## NA CORNUCÓPIA

1973

*O Misanthropo* de Molière, enc. Luís Miguel Cintra

1974

*Terror e Miséria no III Reich* de Bertolt Brecht, enc. Jorge Silva Melo e Luís Miguel Cintra

**1975**

*Pequenos Burgueses* de Máximo Gorki, enc. Jorge Silva Melo

**1976**

*Ah Q* de Jean Jourdheuil e Bernard Chartreux, enc. Luís Miguel Cintra

*Músicas Mágicas* de Catherine Dasté (direcção)

**1977**

*Casimiro e Carolina* de Odon Von Horvath, enc. Cristina Reis, Jorge Silva Melo e Luís Miguel Cintra

**1986**

*Pai de August Strindberg*, enc. Anne Consigny

**1993**

*Primavera Negra* de Raul Brandão, enc. Luís Miguel Cintra

*Sete Portas* de Botho Strauss, enc. Luís Miguel Cintra

**1994**

*Triunfo do Inverno* de Gil Vicente, enc. Luís Miguel Cintra

**1996**

*Barba Azul* de Jean-Claude Biette, enc. Christine Laurent

**1998**

*Um Sonho* de August Strindberg, enc. Luís Miguel Cintra

**1999**

*Afabulação* de Pier Paolo Pasolini, enc. Luís Miguel Cintra

**2001**

*O Novo Menozo* de Jacob Lenz, enc. Luís Miguel Cintra

**2002**

*O Colar* de Sophia de Mello Breyner Andresen, enc. Luís Miguel Cintra

**2003**

*Anatomia Tito Queda de Roma* de Heiner Müller, enc. Luís Miguel Cintra

**2004**

*A Família Schroffenstein* de Kleist, enc. Luís Miguel Cintra

#### **PARTICIPAÇÃO EM PRODUÇÕES INDEPENDENTES**

**1971**

*As Criadas* de Jean Genet, enc. Vitor Garcia (Teatro Experimental de Cascais)

*Emílio e os Detectives* de Erich Kastner, enc. Glicínia Quartin (Teatro Jovem Espectador - Teatro Vilaret)

**1981**

*Casamento Branco* de Tadeusz Rozewicz, enc. Fernanda Lapa (Companhia Nacional I - Teatro Popular)

**1984**

*Abel, Abel* de Augusto Sobral, enc. Rogério Vieira (Teatro do Bairro Alto)

**1987**

*À Procura do Presente* texto e enc. Adolfo Gutkin (IFICT)

**1988**

*Quarteto* de Heiner Müller, enc. Jorge Silva Melo (Encontros Acarte 1988)

**1984**

*Madalena Lê uma Carta* de Jaime Salazar Sampaio, enc. Rogério de Carvalho (Teatro do Bairro Alto)

**1992**

*Inverno de 45* de Michel Deutsch, enc. Jorge Castro Guedes (Teatro da Trindade)

**1995**

*Rosa, Minha Querida Rosa* de Josette Boulva e Marie Gatard, enc. João Canijo (Teatro Nacional D. Maria II)

**1999**

*O que é feito de Betty Lemon?* De Arnold Wesker, enc. Manuel Cintra (Centro Cultural de Belém)

*Mainstream* pelo Pogo Teatro (Centro Cultural de Belém)

## NO CINEMA

**1962**

*Dom Roberto* de Ernesto de Sousa

**1964**

*Crime de Aldeia Velha* de Manuel Guimarães

**1977**

*Antes do Adeus* de Rogério Ceitil

**1978**

*Histórias Selvagens* de António Campos

**1980**

*Passagem ou A Meio Caminho* de Jorge Silva Melo

**1981**

*Conversa Acabada* de João Botelho

**1984**

*Ninguém Duas Vezes* de Jorge Silva Melo

**1987**

*O Bobo* de José Álvaro Morais

**1988**

*Agosto* de Jorge Silva Melo

*O Mistério da Boca do Inferno* de José Pina

**1990**

*Um Passo, Outro Passo e Depois...* de Manuel Mozos

**1993**

*Coitado do Jorge* de Jorge Silva Melo

*Longe daqui* de João Guerra

**1994**

*A Caixa* de Manoel de Oliveira

**1995**

*A Comédia de Deus* de João César Monteiro

*Sinais de Fogo* de Jorge de Sena, real. Luís Filipe Rocha

**1999**

*Morte Macaca*, (cm) de Jeanne Waltz

**2000**

*António, Um Rapaz de Lisboa*, de Jorge Silva Melo

**2004**

*Conversa Com Glicínia* de Jorge Silva Melo

## COM OS ARTISTAS UNIDOS

**1997**

*O Fim ou Tende Misericórdia de Nós*, de Jorge Silva Melo (Culturgest/Litografia de Portugal)

**2004**

*Terrorismo* dos Irmãos Presniakov, encenação de Jorge Silva Melo – Teatro Taborda

*Não Posso Adiar o Coração*, de António Ramos Rosa, Mário Cesariny e

outros – Sala do Senado da Assembleia da República

*Conversas com Glicínia*, de Jorge Silva Melo

## BIBLIOGRAFIA

*Editais da CML*

[www.artistasunidos.pt/pessoas/109-glicinia-quartin](http://www.artistasunidos.pt/pessoas/109-glicinia-quartin)

[cinema.sapo.pt/pessoa/glicinia-quartin/biografia](http://cinema.sapo.pt/pessoa/glicinia-quartin/biografia)

Artistas Unidos – Revista Semestral/ 2005/ Nº 13

[www.publico.pt/Cultura/morreu-a-actriz-glicinia-quartin-1255453](http://www.publico.pt/Cultura/morreu-a-actriz-glicinia-quartin-1255453)

[www.tsf.pt/PaginaInicial/Vida/Interior.aspx?content\\_id=173898114](http://www.tsf.pt/PaginaInicial/Vida/Interior.aspx?content_id=173898114)

[jorgesampaio.arquivo.presidencia.pt/pt/noticias/noticias/discursis.1194.html](http://jorgesampaio.arquivo.presidencia.pt/pt/noticias/noticias/discursis.1194.html)

[www.publico.pt/Cultura/cavaco-silva-expressa-profundo-pesarpela-morte-de-glicinia-quartin\\_1255563](http://www.publico.pt/Cultura/cavaco-silva-expressa-profundo-pesarpela-morte-de-glicinia-quartin_1255563)

[www.cct-tep.com/index\\_ficheiros/publicacoes/publicacoes/Boletim%20Circular%20Interno%20TEP%201.jpg](http://www.cct-tep.com/index_ficheiros/publicacoes/publicacoes/Boletim%20Circular%20Interno%20TEP%201.jpg)

[www.cct-tep.com/index\\_ficheiros/publicacoes/publicacoes/OS%20BUROSSÁURIOS.jpg](http://www.cct-tep.com/index_ficheiros/publicacoes/publicacoes/OS%20BUROSSÁURIOS.jpg)

## FICHA TÉCNICA

**Edição**

Câmara Municipal de Lisboa

Comissão Municipal de Toponímia

**Título**

Glicinia Quartin

**Textos**

Isménia Neves

**Coordenação**

Jorge Carvalho

António Adriano

**Grafismo**

João Rodrigues

**Tiragem**

250 ex.

Ano

2012

Depósito Legal

**Execução gráfica**

Imprensa Municipal de Lisboa





*O Velho Ciumento (1953), foto de Cisneiros de Faria*



*1998, foto de João Silveira Ramos*



Câmara Municipal  
**Lisboa**

